

MAURÍCIO GOMES DOS ANJOS

**RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E O PROCESSO
FORMATIVO DO SACERDOTE CATÓLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Nélio Pereira da Silva

CURITIBA

2010

MAURÍCIO GOMES DOS ANJOS

**RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA ANALÍTICA E O PROCESSO
FORMATIVO DO SACERDOTE CATÓLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador: Nélio Pereira da Silva

Prof. Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho

Prof. Renata Cunha Wenth

Aos que se dedicam à formação sacerdotal.

Agradecimentos

Este trabalho fruto de várias pesquisas, só foi possível graças à dedicação, ao esforço e à perseverança, sempre encontrada no incentivo e apoio dos amigos.

Minha sincera gratidão:

- Aos Formadores da Arquidiocese de Curitiba, que com amor dedicam-se à formação dos futuros presbíteros;

- Aos Professores do curso de Especialização em Psicologia Analítica, especialmente a professora Jussara Janowski (coordenadora) e Professor Nélio Pereira da Silva que orientou esta Monografia.

- A todas as pessoas que de alguma forma deram-me ânimo, ajuda e coragem para enfrentar esse desafio.

Enfim, estendo um ato de louvor e gratidão a Deus por me ter permitido a chance de me aprofundar neste tema.

Presto também uma homenagem a Maria, Mãe de Jesus, que sempre me acompanhou e me deu a força necessária para enfrentar tantas dificuldades.

"Não vás fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade".

Santo Agostinho

RESUMO

O presente trabalho contém algumas considerações a respeito da formação do sacerdote católico e sua ligação com a Psicologia Analítica de Jung. A Igreja Católica atenta a este processo vem demonstrando uma atenção especial sobre o discernimento vocacional dos candidatos ao sacerdócio, para que a natureza deste ministério seja vivida de acordo com o sacerdócio de Cristo, que é o modelo do Arquétipo sacerdotal de Melquisedec. O trabalho formativo consiste em parte na ativação deste arquétipo, mas também na ajuda necessária para um discernimento e desenvolvimento da integralidade do processo formativo, que na linguagem de Jung pode estar ligado ao Self, como eixo integrador das dimensões da formação. Outro caminho relaciona-se a Cristo (o Si-mesmo na linguagem analítica), como modelo de sacerdote. E, enfim, existe a relação mais aproximada com o processo de individuação, que ocorre de forma progressiva, e não tem um fim, pois constantemente cada um é chamado a individuar-se, num contínuo processo de amadurecimento psíquico, espiritual, intelectual e pastoral, exigindo de cada vocacionado revisões constantes em vista de um crescimento pessoal.

Palavras-chave: Processo Formativo, Sacerdócio, Individuação e Discernimento vocacional.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO I | 10 |
| O SACERDÓCIO CATÓLICO E O ARQUÉTIPO DO SACERDOTE | 10 |
| 1. NATUREZA E MISSÃO DO SACERDÓCIO MINISTERIAL CATÓLICO | 10 |
| 2. O CHAMADO SACERDOTAL E O ARQUÉTIPO DO SACERDOTE | 13 |
| 3. O ARQUÉTIPO DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEC | 16 |
| CAPÍTULO II | 18 |
| RELAÇÕES DO PROCESSO FORMATIVO COM ELEMENTOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA | 18 |
| 1. A PASTORAL VOCACIONAL E O DISCERNIMENTO INICIAL | 18 |
| 2. A FORMAÇÃO NAS SUAS VÁRIAS DIMENSÕES E A SUA LIGAÇÃO COM O SELF | 27 |
| CAPÍTULO III | 32 |
| O PROTAGONISMO DA FORMAÇÃO E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO | 32 |
| CONCLUSÃO | 40 |
| REFERÊNCIAS | 42 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho fundamenta-se nos atuais dados da Igreja Católica, que por meio de documentos oficiais tem ressaltado a importância da formação dos candidatos ao sacerdócio ministerial.

A 47ª Assembléia da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), realizada em Itaici, nos dias 22 de abril a 1º de maio de 2009 abordou esta temática à luz da Conferência de Aparecida (2007), ressaltando as diversas dimensões da formação presbiteral (humano afetiva, comunitária, espiritual, intelectual e pastoral/missionária).

No exercício do sacerdócio ministerial na Igreja Católica me foi conferida a missão de ajudar na formação dos candidatos à vida ministerial, e por isso grande parte do ministério que desempenho está centrado no incentivo ao protagonismo de cada indivíduo no processo formativo.

Este incentivo se dá por meio de formações em grupo, atendimentos personalizados de cada um, tratando das variadas temáticas que envolvem o desenvolvimento humano de cada indivíduo; como também pelo uso da psicologia como ferramenta importante, tanto para a integração pessoal de cada um como também no equilíbrio das relações interpessoais.

Com isso percebe-se a importância que existe na formação integral do sacerdote católico, mas também surgem questões profundas relacionadas a esta temática. Uma delas se refere ao modo como se dá este processo e a inferência do mesmo na vida pessoal dos candidatos.

Em vários documentos ressalta-se que o verdadeiro processo ocorre pelo protagonismo de cada indivíduo, que ampliando a visão de si mesmo, do mundo e das coisas, liga-se neste processo enfrentando as dificuldades e lançando-se em direção a uma integração individual.

Aqui pode estar a relação do processo formativo com o processo de individuação de Jung, em que a pessoa vai se conhecendo, retirando suas máscaras, retirando as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesmo. É claro que não se trata de um processo fácil e simples, nem tampouco ocorre linearmente. É um processo doloroso, difícil e ocorre em um movimento circunvolutório direcionado a um centro psíquico, o Self. Este aspecto será aprofundado no terceiro capítulo.

Também pode ocorrer no decorrer do processo formativo e vida ministerial do sacerdote, outros aspectos que se aproximam dos elementos aprofundados pela psicologia analítica.

Um deles, aprofundado no segundo capítulo refere-se às dimensões da formação (humano-afetiva, intelectual, espiritual e pastoral) e sua relação com o Self; como também o modo como ocorre o discernimento vocacional dos candidatos ao sacerdócio.

Outro aspecto, que será a primeira abordagem deste trabalho são as relações entre sacerdócio católico e o Arquétipo do Sacerdote, ou seja, as possíveis influências arquetípicas do sacerdote que acompanha a história da humanidade.

Com base nestas informações, torna-se possível entender a realização deste trabalho que envolve os conceitos relacionados à Psicologia Analítica de Jung e o processo formativo dos candidatos ao sacerdócio na Igreja Católica.

CAPÍTULO I

O SACERDÓCIO CATÓLICO E O ARQUÉTIPO DO SACERDOTE

1. NATUREZA E MISSÃO DO SACERDÓCIO MINISTERIAL CATÓLICO

O ministério eclesiástico é exercido de diversas maneiras na Igreja. Cristo, enviado por Deus ao mundo chamou e enviou os apóstolos, como sucessores da missão que Ele havia recebido do Pai. Desta maneira os bispos, como sucessores dos apóstolos, tornam-se, autênticos participantes do Plano Salvífico de Deus.

Para um melhor cumprimento da missão recebida de Deus, os apóstolos e seus sucessores distribuem o múnus de seu ministério para diversas pessoas e em diferentes graus. E assim, desde a Igreja Primitiva o ministério ordenado é exercido em três graus: diaconado, presbiterado e episcopado.

Os presbíteros (padres) por mais que não possuam o ápice deste ministério, participam ativamente desta missão, já que se encontram ligados aos bispos e estão unidos na dignidade sacerdotal.

Em virtude do Sacramento da Ordem, segundo a imagem de Cristo, sumo e eterno Sacerdote, [...] eles são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, de maneira que são verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento. Participando, no grau próprio de seu ministério, da função de Cristo Mediador único, [...], a todos anunciam a Palavra de Deus. Eles exercem seu sagrado múnus principalmente no culto eucarístico ou sinaxe, na qual, agindo na pessoa de Cristo e proclamando seu ministério, eles unem os votos dos fiéis ao sacrifício de sua Cabeça e, até a volta do Senhor, representam a aplicam no sacrifício da Missa o único sacrifício do novo Testamento, isto é, o sacrifício de Cristo que com a hóstia imaculada uma vez se ofereceu ao Pai [...]. E em favor dos fiéis penitentes ou doentes exercem no mais alto grau o ministério da reconciliação e do alívio. (CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, 1965, nº 68)

Os presbíteros, como verdadeiros colaboradores da ordem episcopal, formam entre si¹ e com seu bispo, o presbitério, com diferentes funções. É o Bispo que confia ao sacerdote o pastoreio de uma determinada comunidade, tornando-o ligado a si e fazendo-se presente nos diversos lugares da diocese.

¹ “Em virtude da comum ordenação sacra missão, todos os Presbíteros estão unidos entre si por íntima fraternidade, que espontânea e livremente se manifesta no mútuo auxílio, tanto espiritual como material, tanto pastoral como pessoal, em reuniões e comunhão de vida, trabalho e caridade”. (COMPÊNDIO DO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, nº 70)

Desta maneira, os sacerdotes, devem santificar e reger o povo de Deus que lhe foi confiado, colaborando para a edificação do corpo de Cristo, e se esforçando para desempenhar uma ação pastoral conjunta com a sua diocese e a Igreja Universal.

Por esta participação no sacerdócio e na missão, os Presbíteros reconheçam o Bispo verdadeiramente como seu pai e reverentemente lhe obedçam. O Bispo, porém, considere os sacerdotes, seus colaboradores, como filhos e amigos, a exemplo de Cristo que chamou seus discípulos não servos, mais amigos (Cf. Jo 15,15). (CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, 1965, nº 69)

O ministério presbiteral deve possuir o rosto de Cristo, pois participa do sacerdócio de Cristo, tendo a sua identidade sacerdotal ligada a Santíssima Trindade.

É no interior do mistério da Igreja como comunhão trinitária em tensão missionária, que se revela a identidade cristã de cada um e, portanto, a específica identidade do sacerdote e do seu ministério. O presbítero, de fato, em virtude da consagração que recebe pelo sacramento da ordem, é enviado pelo Pai, através de Jesus Cristo, ao qual como Cabeça e Pastor do seu povo é configurado, de modo especial, para viver e atuar, na força do Espírito Santo, ao serviço da Igreja e para salvação do mundo. (JOÃO PAULO, 1992, p. 34)

É incompreensível a missão do presbítero na Igreja, se ela não nascer da Santíssima Trindade ligando-se intimamente na comunhão com a Igreja, como sinal da união com Deus e toda humanidade.

Desta maneira a eclesiologia de comunhão é essencial e torna-se prioritária para entender a identidade do presbítero na Igreja, a sua vocação e missão.

É ‘sinal’ e o ‘memorial’ vivo da sua permanente presença e ação entre nós e para nós. Por isso, o presbítero encontra a verdade plena da sua identidade no fato de ser uma derivação, uma participação específica e uma continuação do próprio Cristo, sumo e único Sacerdote da nova e eterna Aliança: ele é uma imagem viva e transparente de Cristo Sacerdote. O sacerdócio de Cristo, expressão de sua absoluta ‘novidade’ na história da salvação, constitui a fonte única e insubstituível paradigma do sacerdócio do cristão, e, especialmente do presbítero. A referência a Cristo, é então, a chave absolutamente necessária para a compreensão das realidades sacerdotais. (JOÃO PAULO, 1992, p. 34)

O sacerdote possui íntima ligação com Cristo, que é anunciado por João como o Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas e quer reuni-las em um só rebanho (cf. Jo 10, 11-16). Cristo, além de ser “Pastor”, é aquele que veio ao mundo para servir e não para ser servido (cf. Mt 20, 28), ele é o primeiro que se oferece como modelo de serviço para os sacerdotes, se entregando como “cordeiro inocente” (cf. Jo 1,36).

Com o sacrifício da cruz, Cristo evidencia a radicalidade da missão sacerdotal, constituindo a Igreja, como novo povo sacerdotal e, chamando alguns discípulos para o exercício deste sacerdócio universal. Em primeiro lugar para estar com ele e posteriormente para serem enviados em missão. Estabelece-se assim uma ligação entre a missão confiada aos apóstolos por Jesus e a missão que Jesus havia recebido do Pai.

Assim, não por qualquer mérito particular deles, mas apenas pela participação da graça de Cristo, os apóstolos prolongam na história, até à consumação dos tempos, a mesma missão de salvação de Jesus em favor dos homens. Sinal e pressuposto da autenticidade e da fecundidade desta missão é a unidade dos apóstolos com Jesus e, nele, entre si mesmos e o Pai, tal como testemunha a Oração sacerdotal do Senhor, síntese da sua missão. (JOÃO PAULO, 1992, p. 34)

Os apóstolos que receberam de Jesus tão importante missão, chamam para continuar este projeto alguns homens que diversamente irão colaborar para que se cumpra o mandato de Jesus. Constituem-se, assim, os Bispos, presbíteros e diáconos, que, segundo o livro dos Atos dos Apóstolos, são escolhidos pelo próprio espírito de Jesus através da imposição das mãos dos apóstolos, são chamados a continuar este ministério de apascentar o rebanho. (cf. At 6, 20-28)

Os presbíteros (padres), segundo a primeira carta de Pedro, são continuadores da missão de Cristo, já que representam o Cristo, único e Eterno Sacerdote e se fazem presente no meio do rebanho a ele confiado. (cf. 1 Pd 5,1-4)

Os presbíteros são, na Igreja e para a Igreja, uma representação sacramental de Jesus Cristo Cabeça e Pastor, proclamam a sua palavra com autoridade, repetem os seus gestos de perdão e oferta de salvação, nomeadamente com o Batismo, a Penitência e a Eucaristia, exercitam a sua amável solicitude, até ao dom, total de si mesmos, pelo rebanho que se reúnem na unidade e conduzem ao Pai por meio de Cristo no Espírito. Numa palavra, os presbíteros existem a fim para o anúncio do Evangelho ao mundo e para a edificação da Igreja em nome e na pessoa de Cristo Cabeça e Pastor. (JOÃO PAULO, 1992, p. 41)

De fato, o sacerdote participa intimamente da missão de Cristo, tendo-o como “Cabeça e Pastor”, e unido ao presbitério e à sua comunidade eclesial, ele se encontra em harmonia e comunhão com todos os ministérios presentes na realidade da Igreja.

A concepção verdadeiramente cristã do ministério ordenado exclui qualquer forma de clericalismo, ou seja, assumir o status de padre como profissão e fazer do que seria o colégio dos presbíteros uma espécie de casta burocrática que se apresenta como ‘especialista’ nas coisas de Deus e usa o nome divino em benefício do seu poder ou prestígio, tentação comum a sacerdotes e profissionais de todas as

religiões.² Ao contrário do clericalismo, o ministério pastoral é inserção amorosa como a encarnação de Jesus, verdadeiro pastor, e como Jesus jamais usa o nome de Deus em proveito próprio. (ENCONTRO NACIONAL DOS PRESBÍTEROS, p.16, grifo nosso)

Neste sentido, cabe a constatação de que o exercício do sacerdócio é bem diferente do exercício de uma profissão. O sacerdócio é antes de tudo a realização de um chamado, conforme o que veremos a seguir.

2. O CHAMADO SACERDOTAL E O ARQUÉTIPO DO SACERDOTE

Diante de tantos desafios que a Igreja enfrenta no limiar deste novo milênio está a formação dos sacerdotes. Como se deve reagir diante de um mundo que se modifica tanto? E como formar padres neste momento atual? A resposta a estes questionamentos talvez não se encontre em nenhuma obra já escrita e sim esteja em breves reflexões que se fazem necessárias para enfrentar estes desafios.

As estatísticas mostram que o clero do Brasil está crescendo cada vez mais, e isso representa um avanço muito grande para a realidade da Igreja do Brasil. Mas a pergunta que se faz diante destas estatísticas é: como os padres brasileiros (sobretudo os jovens) estão se formando? Que tipo de formação estão recebendo?

Quando Deus chama homens para serem continuadores do seu projeto de salvação, através do sacerdócio, Ele os escolhe a partir de determinados contextos históricos, humanos e eclesiais. Histórico, porque o homem está inserido numa determinada época da história da humanidade. Humano, porque Deus se serve de pessoas humanas para serem portadoras deste projeto; e Eclesial, porque a vocação recebida de Deus só terá sentido devido à comunidade eclesial, que anseia em continuar o projeto de Cristo.

Neste sentido, pode falar da influência do arquétipo do sacerdote, no chamado à vida sacerdotal.

Jung (1948, p. 374) diz que:

[...] Os arquétipos são, de acordo com sua definição, fatores e motivos que coordenam elementos psíquicos no sentido de determinadas imagens (que devem ser denominadas arquetípicas) e isso sempre de maneira que só é reconhecível pelo efeito. Eles existem pré – conscientemente e formam provavelmente as dominantes estruturas da psique em si [...] Como condição a priori, os arquétipos representam o caso psíquico especial – tão familiar ao biológico – do padrão de comportamento que confere a todos os seres vivos e a sua índole específica. Assim como as

² O grifo é nosso.

manifestações desse plano biológico fundamental podem mudar, no curso do desenvolvimento, assim também as do arquétipo. Visto, no entanto, de maneira empírica, o arquétipo jamais nasce dentro da esfera da vida orgânica; ele surge com a vida.

O arquétipo, portanto é uma estrutura psicológica descrita por Jung como a matriz organizadora das vivências humanas. Os arquétipos são padrões virtuais que se expressam por símbolos. Há uma infinidade de arquétipos, tantos quantos são os tipos de manifestações humanas, como por exemplo, os Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, da Alteridade, da Totalidade, do Herói, da Bruxa, do Velho Sábio, da Morte, do Mestre-Aprendiz, do Caçador, do Líder, e do **Sacerdote**.

Os arquétipos são ativados durante a vida e a partir daí coordenam o campo psicológico. Apesar de presentes em todos nós, sua intensidade e momento de manifestação são imensamente variáveis de um ser humano para outro, tanto quanto a voz, a audição ou a forma de pensar e de sonhar.

Seguindo as palavras de João Paulo II, na *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis - Sobre a Formação dos Sacerdotes (1994)*, é evidente que existe algo no sacerdote que nunca vai mudar, a sua herança arquetípica. Em qualquer época ele sempre deve assemelhar-se ao Cristo, o Bom Pastor, que é a figura mais perfeita de um sacerdote. Inclusive, Deus através de seu filho Jesus Cristo, fez questão de deixar um modelo perfeito de sacerdote para todas as épocas e lugares. Mas, é evidente também, que o sacerdote deve se adaptar às diferentes épocas e ambientes da vida humana.

Mas como se dá este chamado a vida sacerdotal?

Pode-se constatar que a pessoa sente e intui a realização da missão sacerdotal como algo simbólico que constrói seu todo existencial e sua relação com o mundo. A missão é mais que um dever. É um chamado para desempenhar uma intenção maior que a vontade pessoal.

É importante lembrar que a palavra vocação vem do verbo vocare que, em latim, quer dizer chamar. O indivíduo pode até tentar explicar aos outros racionalmente o que está acontecendo, mas sabe que eles não o entendem a menos que também tenham essa capacidade de conhecimento místico, afetivo e intuitivo das manifestações arquetípicas do Arquétipo Central do Self.

É um chamado da criatividade existencial permanente, construído por seu relacionamento com o Todo, através da interação das partes.

Hollis (2004. p. 78) diz que vocação é a capacidade do ego de renunciar as suas necessidades de segurança e conforto para ir ao encontro de uma força mais profunda. Mas, o

discernimento para saber se esta convocação vem do Self (Divino) ou de um complexo, não é fácil. Por isso este processo deve ocorrer com o tempo, com reflexões e revisões contínuas e não num “pisar de olhos”.

Neste sentido a Igreja, acolhe a resposta do chamado vocacional e por meio de variados elementos ajuda o candidato para a vida sacerdotal a discernir melhor se realmente é um chamado divino ou parte de algum complexo que acompanha a pessoa.

No fim, a escolha da vocação é também um reconhecimento de que algo na verdade está nos escolhendo. E isso pode ter pouco a ver com o que nós, o ego, desejamos. O que determina a vocação é o que os deuses desejam. Se pudermos agüentar esta verdade, e servi-la, então os deuses e a nossa vocação servirão a nós, não importando quão perigoso é caminho. (HOLLIS, 2004, p. 79)

A vocação do homem para a vida sacerdotal seja quando criança, adolescente ou jovem, vem cercada de muitos aspectos marcantes da sociedade atual. Desta maneira ele se defronta com muitos obstáculos tendenciosos que impedem o jovem de seguir verdadeiramente o seu chamado.

Um dos aspectos que a sociedade apresenta hoje é o Consumismo e o Individualismo. Os jovens sentem-se fascinados por esta “*sociedade de consumo*”, que os torna cada vez mais individualistas e materialistas, dando importância, sobretudo para o bem-estar pessoal, conquistando-o com todas as forças. É a preocupação demasiada pelo “*Ter*”, que vem seguido pelo “*Poder*” e depois pelo “*Prazer*”. Assim, deixa-se de lado os valores cristãos do “*Dom*”, da “*Gratuidade*”, para abraçar um conceito egocêntrico e egoísta.

Isto reflete-se particularmente sobre a visão da sexualidade humana, que perde a sua dignidade de serviço à comunhão e à doação entre as pessoas, para ficar reduzida simplesmente a um bem de consumo. Assim, a experiência afetiva de muitos jovens resolve-se não num crescimento harmonioso e alegre da própria personalidade que se abre ao outro no dom de si mesmo, mas numa grave involução psicológica e ética, que não poderá deixar de ter graves condicionamentos sobre o amanhã dos jovens. (JOÃO PAULO, 1992, p. 23)

Diante deste quadro a própria liberdade da pessoa fica distorcida “[...] em vez de ser obediência à verdade objetiva e universal, a liberdade é vivida como adesão cega às forças do instinto e à vontade de poder de cada um”. (JOÃO PAULO, 1992, p. 23) E, desta maneira a vivência e a compreensão do verdadeiro sentido da vocação sacerdotal é muito mais difícil.

Talvez muitos pensem que este individualismo leva a um processo de individuação, mas se esquecem que existe uma grande diferença entre ambos:

Individualismo significa enfatizar e dar proeminência deliberadamente a alguma suposta peculiaridade em vez de a considerações e obrigações coletivas. Mas individualização, significa precisamente o melhor e mais completo preenchimento das qualidades coletivas do ser humano, já que a consideração adequada da peculiaridade do indivíduo é mais condutiva a um desempenho social melhor do que quando a peculiaridade é negligenciada e suprimida. (JUNG, CW 7, par. 267)

Quando se fala no âmbito eclesial, esta tendência da juventude se torna um grande problema, há uma forte subjetivação da fé e a pertença a uma instituição se torna cada vez mais difícil, deixando o jovem aquém de uma experiência cristã e eclesial.

É neste sentido que o discernimento evangélico é imprescindível na formação de um jovem que aspira viver o sacerdócio. “Este discernimento evangélico tem seu fundamento na confiança no amor de Jesus Cristo, que sempre incansavelmente toma o cuidado de sua Igreja, ele que é o Senhor e Mestre, a chave, o centro e o fim de toda história humana”. (JOÃO PAULO, 1992, p. 29)

Com essa presença edificante, a Igreja sente que pode enfrentar os desafios e as dificuldades que são apresentadas pelo mundo moderno, e deste modo formar sacerdotes convictos com as sombras e esperanças que fazem parte da sua vida e continuarão a fazer parte na vida presbiteral.

3. O ARQUÉTIPO DO SACERDÓCIO DE MELQUISEDEC

Melquisedec é um ser simbólico invocado no ritual de ordenação sacerdotal da Igreja Católica onde se diz: Tu és “SACERDOCE IN AETERNUM SECUNDUM ORDINEM MELCHISEDEC”, traduzindo “Tu és um sacerdote eterno, segundo a Ordem de Melquisedec”.

Muitos documentos da Igreja referem-se a Jesus como um sacerdote da Ordem de Melquisedec. Assim, é necessário aprofundar-se nesta imagem presente tanto no antigo quanto no novo testamento.

Na Sagrada Escritura está escrito que Ele era rei de Salém e sacerdote de Deus (Gênesis 14,18). Ele abençoou Abraão e recebeu o dízimo dele depois da vitória do patriarca contra Quedorlaomer.

A Bíblia não relata nada sobre os antepassados ou descendentes de Melquisedec. Ele servia como sacerdote antes do nascimento de Isaac, e era considerado sacerdote aprovado por Deus, independente de linhagem.

Deus fez algumas coisas no antigo testamento pensando na vinda de Jesus, e assim ajudando o povo a entender a missão de Cristo.

A expressão “segundo a ordem de Melquisedec” significa que o sacerdócio de Jesus é do mesmo tipo, ou parecido com, o sacerdócio de Melquisedec. Davi profetizou, mil anos antes do nascimento de Jesus, que o Messias seria “*sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedec*” (Salmo 110).

Paulo na carta aos hebreus cita esta profecia várias vezes, e explica o seu significado em relação à superioridade total de Jesus. Diz que Melquisedec é o Rei da Paz; que não tem pai nem mãe nem genealogia, que não tem começo nem fim de vida, sendo, portanto feito á semelhança do filho de Deus e permanece sacerdote para sempre.

A Ordem de Melquisedec é também conhecida pelo nome de “ordem do sacerdócio real”, ou “ordem da justiça divina”, pois Melquisedec representa a “Superior Justiça Divina na Terra”, o máximo do “Reino da Eterna Paz”.

Melquisedec é um Ser que sempre esteve presente na história da humanidade em todos os ciclos de civilização, sendo, portanto a manifestação perene do próprio “Poder Superior” na Terra, ou a própria imagem de um arquétipo constelado.

Muitos orientais afirmavam que Melquisedec é aquele que exerce a função de governo. Como afirma Coquet (1998) Melquisedec, ocupa assim o mais elevado lugar sagrado de nosso planeta onde se encontra a Tradição Primordial, o lugar onde o desígnio de Deus é conhecido.

CAPÍTULO II

RELAÇÕES DO PROCESSO FORMATIVO COM ELEMENTOS DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

1. A PASTORAL VOCACIONAL E O DISCERNIMENTO INICIAL

Tendo presente a importância do ministério presbiteral e a renovação pastoral que a Igreja necessita é que se busca uma reflexão sobre a pastoral vocacional, que é diferente de qualquer outra pastoral na Igreja, sobretudo porque deve fazer parte de todos os movimentos e pastorais que já compõem o corpo eclesial.

O impulso para que a pastoral vocacional seja uma realidade na Igreja se encontra nos diversos chamados que a Sagrada Escritura apresenta no decorrer da história da salvação.

O seu papel primordial é

[...] cuidar do nascimento, discernimento e acompanhamento das vocações, particularmente das vocações ao sacerdócio. Precisamente porque ‘a falta de sacerdotes é por certo a tristeza de cada Igreja’, a pastoral vocacional exige, sobretudo hoje, ser assumida com um novo, vigoroso e mais decidido compromisso por parte de todos os membros da Igreja, na consciência de aquela não é um elemento secundário ou acessório, nem um momento isolado ou setorial, quase uma simples ‘parte, ainda que relevante, da pastoral global da Igreja: é sim, como repetidamente afirmaram os padres sinodais, uma atividade intimamente inserida na pastoral geral de cada Igreja, um cuidado que deve ser integrado e plenamente identificado com a ‘cura das almas’ dita ordinária, um uma dimensão conatural e essencial da pastoral da Igreja, ou seja, da sua vida e da sua missão. (JOÃO PAULO, 1992, p. 90)

É tendo presente esta dimensão essencial da Igreja que se exige que as comunidades eclesiais tenham equipes de pastoral vocacional preocupadas com a promoção das vocações e orientações em todas as pastorais e movimentos já existentes no corpo eclesial.

A vocação é um chamado que vem de Deus, depende da resposta do ser humano³ e se realiza mediante a Igreja, que recebeu a missão de discernir e acolher o chamado para os diferentes ministérios.

³ “A história de cada vocação sacerdotal, como, aliás, de qualquer outra vocação cristã, é a história de um inefável diálogo entre Deus e o homem, entre o amor de Deus que chama e a liberdade do homem que no amor responde ao chamado de Deus”. (PAULO, João, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis: Sobre a Formação dos Sacerdotes*, p. 94)

A vocação é a essência de uma vida, e leva cada ser humano a um determinado caminho. Deste modo, “negar uma vocação seria negar a essência de uma pessoa”. (HILLMAN, 2004, p. 13)

Desde o nascimento cada ser humano é marcado com algo que se desenvolve ao longo da sua vida. Entende-se assim, que a vocação ou chamado constitui-se como parte da realização da própria personalidade. (HILLMAN, 2004)

De acordo com Oliveira (2006, p. 12) “Todo ser humano é vocacionado, em primeiro lugar, para aquela vocação natural: o chamado à existência. [...] Mas essa vocação só se realiza plenamente quando o homem e a mulher [...] entram em comunhão com Deus”.

A vocação passa a ser entendida como relacionamento pessoal com Deus. Portanto, se a vocação, a essência da vida, só se realiza inteiramente em comunhão com Deus e o chamado divino lança justamente a buscá-la, tem-se então, um caminho duplo ou circular, e, sobretudo, um encontro: consigo mesmo, a descoberta de si, numa experiência religiosa, de conexão interior.

Segundo Von Franz (1999, p. 298), “A palavra vocação está relacionada com algo ainda mais profundo e essencial – a ligação com Deus ou com os deuses, ou seja, com as forças que se manifestam dentro da psique”, e a ligação com o Si-mesmo, com a imagem de Deus que o ser humano carrega consigo.

De acordo com Oliveira (2006, p. 63) “A vocação é também uma sedução (cf. Jr 20,7), uma ‘conquista do coração’ (cf. Os 2,16) por parte de Deus, para uma vida de intimidade, de comunhão com Ele. É um convite para ficar com Ele, para participar da sua vida”.

Aqui encontra-se um bom questionamento: *estará a vocação em conexão interior com a psique?*

Nesta perspectiva, encontra-se a vocação ao sacerdócio: no seguimento e assemelhar-se a Cristo como algo pessoal, mas ao mesmo tempo, comunitário, porque a comunidade “é o lugar concreto da manifestação do chamamento divino” (OLIVEIRA, 2006, p. 59).

Segundo Oliveira (2006, p. 78), a missão “é a essência de toda vocação, uma vez que é a concretização histórica de todo chamamento”. Assim, se a vocação é a essência de uma vida, e a missão é a essência da vocação, a dimensão missionária é inerente à vida. “Toda vocação é para a missão” (OLIVEIRA, 2006, p. 77), então, o que está predestinado ao ser humano e a forma como isto se define na vida, requer também uma expressão e atuação no mundo. (WEISZFLOG et al., 1975).

Para Oliveira (2006, p. 63), “não pode haver encontro com Deus sem encontro com os irmãos e irmãs [...]. Responder ao chamado é inserir-se na comunidade”.

Contudo, deve-se tomar cuidado, pois a vocação pode parecer sem sentido quando busca-se fora de si o que encontra-se nas profundezas de alma. Se acontecer de buscar fora, não realiza-se uma conexão interior com a intimidade e tudo parecerá vazio de sentido. Se na vivência comunitária não se consegue a interiorização, faltará algo.

Quando uma pessoa busca Deus “fora”, ou seja, nas atividades desenvolvidas, nos contatos com as pessoas ou nos papéis que deve desempenhar, ela não terá a experiência religiosa, que é fundamentalmente interior. A vida em comunidade não deve deixar de lado a intimidade. “Pela intimidade torno-me íntimo de mim mesmo em primeiro lugar, permitindo-me sentir o que realmente sinto, fantasiando o que de fato é a minha fantasia e ouvindo minha voz com fidelidade” (HILLMAN, 2004, p. 37).

Na verdade, não é a comunidade que exige a uma pessoa a se adequar. A forma como a vivência comunitária é experienciada gera isto, pois pode não estar de acordo com os reais anseios da alma. “Não se trata de um puro e simples assentimento a verdades abstratas, mas de um encontro pessoal” (OLIVEIRA, 2006, p. 69).

Hillman (2004, p. 41) comenta que “um atributo qualificativo de alma: confere sentido, transforma acontecimentos em experiências, comunica-se pelo amor e tem uma implicação religiosa”.

Os antropólogos descrevem uma condição que é denominada ‘perda da alma’ pelos povos primitivos. Quando isso acontece, a pessoa fica fora de si, incapaz de encontrar tanto a conexão interior consigo própria quanto a exterior com a humanidade. [...] Creio, juntamente com Jung, que cada um de nós é ‘o homem moderno em busca da sua alma’. (HILLMAN, 2004, p. 41-42).

O ser humano está em constante busca da alma, para com ela dar significado e sentido às experiências e, conseqüentemente, estar em contato com o divino.

Hillman (2004, p. 45), afirma que

na verdade, hoje em dia, o problema de muitos religiosos é encontrar a conexão interior com a vocação, e depois mantê-la viva. A ligação profunda e vertical, em nível interior da raiz arquetípica, parece estar truncada ou torcida e, naturalmente, o ministro busca fora daí a solução.

É preciso viver a plenitude do próprio destino e permanecer fiel à vida. A ligação profunda e vertical é o que dará sentido, o caminho da alma para um encontro daquilo que é Sagrado. Mas,

[...] não conseguiremos chegar à alma e à experiência de Deus a não ser que o façamos via inconsciente, o que significa, nada mais nada menos, que nos defrontarmos com pecados e males, e com todo o turbilhão de possibilidades que foram mantidas fora do alcance da civilização. (HILLMAN, 2004, p. 50)

Não é um caminho fácil, mas cada um é chamado a enfrentá-lo.

O inconsciente é, portanto, a porta através da qual nós passamos para encontrar a alma. [...] Mas se formos procurar a alma no inconsciente, primeiro será preciso encontrar o inconsciente. [...] Não devemos estabelecer sua existência, nem tampouco a da alma, através de discussões, leituras ou qualquer outra prova direta. Nós tropeçamos em sua realidade; quando menos se espera, tropeça-se na psique inconsciente. (HILLMAN, 2004, p.50)

O chamado divino mostra algo com o qual o indivíduo precisa se conectar. A alma quer se dar a conhecer, o inconsciente quer ser explorado, algo que está sob os desígnios de Deus, do Si-mesmo, quer se mostrar, por isso é feito o apelo ao chamado, para que se encontrar o verdadeiro sentido. Quando o chamado ou a vocação parece sem sentido, pode ser que o caminho ao qual ocorre o chamado seja justamente aquele em busca da alma, do sentido da vida.

No mundo atual da falta de tempo, dos negócios, do consumo, entre outros; resta pouco espaço para essa busca interior. Falta o espaço para o Sagrado, para sentir-se parte do todo. Falta “tempo” para encontrar a alma.

Reconhecer o chamado é essencial para atingir a realização. “A necessidade religiosa reclama a totalidade” (JUNG, 1986, p. 112). Seguir o chamado interior, dotá-lo de sentido através da alma lança ao sentido da presença oculta e numinosa do divino. É Deus que chama, e o faz para possibilitar um encontro com Ele. Esta deve ser uma experiência de plenitude e talvez inexplicável em palavras.

É importante, pois, entender o que é a representação deste divino para a psicologia analítica. Em sua obra Resposta a Jó, Jung (1986, p. 106) afirma que considera a psique como uma realidade e que é

só por meio da psique que podemos constatar que a divindade age em nós; dessa forma somos incapazes de distinguir se essas atuações provêm de Deus ou do inconsciente [...] A imagem de Deus não coincide propriamente com o inconsciente em si, mas com um conteúdo particular deste último, com o arquétipo do si-mesmo. Este último já não podemos separar, empiricamente, da imagem de Deus. A fé tem razão, quando faz o homem ver e sentir no mais profundo de si mesmo a imensidão e inacessibilidade de Deus; mas ela também nos ensina a proximidade, e mesmo a imediata presença de Deus. [...] Só posso conhecer como verdadeiro aquilo que atua em mim.

O encontro pessoal com Deus se dá no interior, através da imagem de Deus construída por cada um, independente de acreditar num Deus transcendente ou de crer num dogma específico. É esse Deus-imagem de cada um que existe psicologicamente, uma

imagem de Deus enquanto coisa conhecida, experimentada, sentida, intuída, representada ou formulada por uma pessoa. Esse Deus é inicialmente uma experiência, e só a seguir um conceito. Essa imagem ou experiência não é única, e nem sempre a mesma. Ela sofre transformações ao longo da vida de qualquer indivíduo, diferindo ainda largamente de uma pessoa para outra”. (HILLMAN, 2004, p.39)

A exclamação de Santa Teresa de Jesus (Teresa de Ávila) expressa a experiência desse encontro, no qual se percebe a força divina. Ela diz: “Só Deus basta!”. Também como expressão disso, segue abaixo uma música católica, uma tentativa de proclamar a grandiosidade deste encontro, do atendimento ao chamado.

Um dia Escutei teu Chamado (José Acácio Santana)

1. Um dia escutei teu chamado, divino recado, batendo no coração./ Deixei deste mundo as promessas e fui bem depressa no rumo da tua mão.

Refrão: Tu és a razão da jornada!/ Tu és minha estrada, meu guia e meu fim./ No grito que vem do meu povo/ Te escuto de novo chamando por mim. (Bis)

2. Os anos passam ligeiro, me fiz um obreiro, do reino de paz e amor./ Nos mares do mundo eu navego e às redes me entrego, tornei-me teu pescador.

3. Embora tão fraco e tão pequeno, caminho sereno com a força que vem de ti./ A cada momento que passa, revivo esta graça de ser teu sinal aqui.

Também é importante salientar que neste processo, existe um protagonismo de cada sujeito que de forma livre escolhe um melhor discernimento vocacional.

HOLLIS (2004) ao se referir a liberdade de escolha possível ressalta que qualquer tipo de escolha, só poderá ser alcançada quando houver reflexões sobre as histórias internas que acompanham cada indivíduo. “Quanto mais conscientemente nós lidamos com as questões de nossa vida, tanto mais experienciamos nossa vida como significativa”. (HOLLIS, 2004, p. 19)

Percebe-se assim o quanto é importante levar os vocacionados no período de discernimento a uma verdadeira revisão de vida, que o acompanhará no decorrer do processo formativo.

Na verdade, em algum momento (ou talvez em mais de um), a dúvida faz parte do caminho vocacional. “A missão individual está sempre abalada por incertezas, o seu caminho se faz às escuras e a recompensa não aparece tão cedo”. (HILLMAN, 2004, p. 48)

Outro aspecto que merece uma reflexão é que cada cristão é responsável pelo discernimento vocacional dos candidatos ao sacerdócio, a começar pelo bispo que o primeiro responsável da diocese, até aqueles que participam somente das liturgias dominicais nas comunidades.

Contudo, nos lembra o número 33 do Documento 55 da CNBB, *Sobre a Formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil*, que os presbíteros (padres) são especialmente convocados a serem um testemunho vivo do seguimento de Jesus, de modo que brotem muitas vocações sacerdotais deste testemunho.

Edinger (2004, p. 109) diz que “na maioria das sociedades, os sacerdotes são normalmente vistos como pessoas chamadas, não eleitas. O chamado deles é divino. Não é uma eleição democrática, nem uma indicação”.

Assim, quando os próprios sacerdotes sentem-se como pessoas chamadas, terão possibilidade de constituírem-se como verdadeiros ícones sacerdotais, resgatando o Arquétipo do sacerdote e levando muitos outros para seguirem este chamado.

Cabe também as famílias cristãs a tarefa de educar seus filhos para um bom discernimento vocacional. Isso só é possível se realizar em matrimônios autenticamente repletos de valores cristãos.

É através da integração entre pastoral vocacional e os diversos movimentos e pastorais que se cria um ambiente propício para a gestação de vocações comprometidas com a Igreja, especialmente a vocação ao sacerdócio.

Para que haja um bom acolhimento e discernimento das vocações para o sacerdócio a Igreja desde o Concílio de Trento (que iniciou em 1545 e terminou em 1563), tem nos Seminários o ambiente próprio para o cultivo da vocação sacerdotal.

Jovens e adolescentes, que apresentam sinais vocacionais de vocação e um desejo sincero de cultivá-la, precisam de instituições adequadas para ajudá-los no reto discernimento da própria vocação e no desenvolvimento das qualidades e aptidões humanas, cristãs e apostólicas, necessárias para a opção pelo ministério presbiteral. (CNBB, 2001, p. 34)

Recentemente o documento de Aparecida (2007, n. 322) ressaltou que

Em todo o processo de formação, o ambiente do Seminário e da pedagogia formativa deverão cuidar do clima da sã liberdade e de responsabilidade pessoal, evitando criar ambientes artificiais ou itinerários impostos. A opção do candidato pela vida e ministério sacerdotal deve amadurecer e apoiar-se em motivações verdadeiras e autênticas, livres e pessoais. A isso se orienta a disciplina nas casas de formação.

Assim, adquire-se importância fundamental no processo formativo os seminários ou as casas de formação para os sacerdotes, como são chamadas atualmente.

O Seminário Menor (que acolhe adolescentes do ensino médio) deve existir como meio de acolher aqueles que na adolescência e início da juventude manifestam o desejo de seguir o chamado de Deus. Sabe-se que é uma época de poucas certezas, contudo vale a pena apoiar aqueles que buscam responder ao chamado de Deus neste período.

É evidente que uma criança ou um adolescente ainda não pode compreender tudo o que significa e implica entregar-se a Deus e aos homens no sacerdócio. A planta da vocação não amadurece antes do tempo. Mas isso não impede que o Semeador não lance a semente nessa terra virgem, e que peça aos operários da messe que a cultivem e protejam. Por isso a Igreja pediu que se mantenham, mais ainda, que se estabeleçam seminários menores e centros afins, erigidos para cultivar os germes da vocação. (MACIEL, 1992, p. 219)

O Decreto Optatum Totius, do Concílio Vaticano II nos diz o seguinte a respeito dos seminaristas menores:

[...] sob a orientação paterna dos superiores, com a colaboração oportuna dos pais, levem uma vida plenamente conforme a idade, espírito e evolução dos adolescentes, segundo as normas de sã Psicologia, sem omitir a conveniente experiência das coisas humanas e o contato com a própria família. (DECRETO OPTATUM TOTIUS, 1965, n. 1290)

Em alguns lugares em que não é viável o acolhimento no Seminário neste período, ao menos se tenha grupos Vocacionais, que se reúnem periodicamente e mantenham contato com o centro de pastoral vocacional da diocese.

Como existe um bom grupo de vocacionados que respondem ao chamado de Deus depois do período do ensino médio, torna-se necessário existir um ambiente de acolhida antes de ingressar propriamente no Seminário Maior. Este ambiente é o chamado Seminário Propedêutico, que é um “tempo de preparação humana, cristã, intelectual e espiritual para os candidatos ao Seminário Maior”. (JOÃO PAULO, 1992, p. 164).

É o período onde deve existir um profundo crescimento espiritual e discernimento vocacional.

Por uma parte o interessado pode dedicar-se, no princípio mesmo de sua caminhada vocacional, a refletir séria e tranqüilamente sobre a existência do chamado divino. Poderá estudar o que é e implica o sacerdócio católico, analisar suas qualidades e defeitos pessoais, e pôr-se à escuta atenta do Espírito Santo. [...] Um dos principais frutos do curso preparatório deveria ser a criação dessa plataforma espiritual sólida [...] que garantirá um autêntico amadurecimento interior ao longo de toda formação. Portanto, a principal ocupação dos alunos do curso preparatório deverá ser o cultivo da vida espiritual. É o tempo da iniciação à oração pessoal, talvez com meditações orientadas no princípio. É o tempo também de começar um trabalho sistemático no cultivo das virtudes sacerdotais. É o tempo ainda de concentrar-se o próprio coração no amor de Cristo (ou quem sabe, para alguns o momento de descobrir esse amor). (MACIEL, 1992, p. 223)

É no Seminário Propedêutico que pode ser iniciado um caminho para sacerdócio e nesta direção caminhar também para a Individuação numa reflexão séria e tranqüila sobre existência do chamado divino.

É claro que existem outras formas para o ser humano individuar-se, outros relacionamentos interpessoais que, combinados com uma observação mais ou menos consciente de eventos intrafísicos, poderiam facilitar a individuação.

Mas, ressalta-se aqui que este processo pode ser iniciado não somente na segunda metade da vida como afirmava Jung, mas de acordo com Fordham (2001) pode abranger também o começo da vida.

Neste mesmo sentido, Palmer (2001) afirma que existem dois estágios da individuação: uma na primeira metade da vida (da infância ao começo da vida adulta) e outra na segunda metade da vida (da meia idade à velhice). Na primeira fase “é caracterizada pela adaptação do ambiente, bem com o pela expansão da experiência, pelo estabelecimento de relacionamentos pessoais e pelo desenvolvimento de uma persona adequada”. (p. 188). Já a segunda fase é marcada pela iniciação à realidade interna, “[...] em sua busca de significação,, a pessoa volta-se agora para dentro de si mesma e dá início a um auto-exame dos aspectos da sua natureza que foram, na luta pela sobrevivência, implacavelmente reprimidos”. (p. 189)

Edinger (1992) também diferenciou o processo de individuação em duas fases: na primeira da vida vê a gradual separação entre o ego e o Self, e a segunda a gradual reunião dos dois.

Guggenbühl-Craig (2004, p. 124) afirma que este processo

Trata-se da realização da vida humana, da florescência do padrão básico subjacente a uma existência individual, da experiência de encontrar um sentido. A individuação não é algo que se pode conquistar e possuir com segurança. Simbolicamente pode descrevê-la mediante imagens como ‘a jornada até a cidade de ouro’.

Por outro lado, responder ao chamado de Deus, não é uma graça perfeita. Aqueles que aderem a este caminho são chamados também a suportar o peso de ser especial para Deus.

Ao emergir na consciência, cada conteúdo do inconsciente se mostra sob duplo aspecto, ou seja, revela um lado bom e um lado ruim, um mar de graça encontra um rio de fogo em ebulição. A individuação, então, não é necessariamente destino encantador, embora, por outro lado, possa oferecer a sensação de realização, conforme refletem as palavras de Jesus, ‘Eu [...] concluí a obra de que me encarregaste realizar’. (Jo 17,10) .. por um lado, os sentimento de ser escolhido – a sensação de ser especial para Deus e de realizar os propósitos divinos; por outro lado, porém, incompreensões e perseguições. Ser escolhido e ser perseguido, forma parte do mesmo arquétipo – ninguém pode ter um sem o outro. (JAFFE, 2002, 20s)

Muitas vezes o próprio Cristo encarnou em suas palavras o processo de individuação, como um processo difícil. As palavras de Mateus expressam muito bem este aspecto:

Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Vim trazer não a paz, mas a espada. Eu vim trazer a divisão entre o filho e o pai, entre a filha e a mãe, entre a nora e a sogra, e os inimigos do homem serão as pessoas de sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim, não é digno de mim. Quem ama seu filho mais que a mim, não é digno de mim. Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim. Aquele que tentar salvar a sua vida, perdê-la-á. Aquele que a perder, por minha causa, reencontrá-la-á. (Mt 10, 34-39)

Estas palavras expressam que

[...] a individuação não é um processo tranquilo, uma vez que nos põe em conflito com tudo o que pensávamos que defendíamos. E também não é um processo confortável, porque não podemos alimentar a ilusão de que possuímos a verdade. (JAFFE, 2002, p. 111)

Neste sentido, adquire grande importância o tempo do vocacionado no Seminário Maior (fase posterior ao propedêutico e Seminário menor, compreendendo academicamente os cursos de filosofia e teologia), pois é no Seminário Maior que o candidato ao sacerdócio deverá receber todo o apoio e formação para que desempenhe futuramente bem o seu ministério, inclusive o peso das responsabilidades, expressados no duplo aspecto da escolha e da perseguição. Por isso é nesta fase que se desenvolve mais especificamente a formação humano-afetiva, espiritual, intelectual e pastoral.⁴

O Seminário Maior representa o período conclusivo do processo de discernimento vocacional, do qual participam solidariamente formandos e formadores, buscando

⁴ A respeito destas dimensões será exposto no item posterior.

num diálogo freqüente e progressivo à luz da fé, reconhecer a autenticidade da vocação. (CNBB, 2001, p. 44).

O período filosófico deve favorecer e assegurar a opção fundamental por Jesus Cristo através da vocação sacerdotal. É o período de grande aprofundamento na dimensão intelectual. Contudo, nos lembra Maciel (1992, p. 225)

É necessário cuidar que não seja esquecido o sentido último desses afazeres intelectuais. Devemos evidenciar que o seminarista se transforme sem querer num mero 'estudante' que, de quando em quando, encontra algum tempo extra para rezar. Convém, portanto, examinar bem os programas e os horários de sorte que, além da dedicação intensa à filosofia, os seminaristas possam ter outros elementos de preparação em todas as áreas da formação integral do sacerdote.

O curso teológico, tão próximo à ordenação sacerdotal deve contribuir para um bom aprofundamento do mistério da vocação e da fé de cada seminarista.

O esforço por aprofundar intelectualmente na riqueza da fé deveria levar a um aprofundamento da vida espiritual. Para isso, é necessário orientar os jovens no sentido de que não reduzam esse estudo a um mero exercício intelectual ou simples erudição; e compreendam que, na realidade, a teologia é o que deve ser, inclusive como ciência, se for estudada com fé, do ponto de vista da fé e para melhor compreensão e transmissão da fé. (MACIEL, 1992, p. 226)

Enfim, todo este longo itinerário para a formação ao ministério sacerdotal, deve ser entendido e vivido como conformação a Cristo Esposo, Bom Pastor, o Sumo e eterno sacerdote. E para que haja esta identificação a este modelo de sacerdócio a Congregação para a Educação Católica (2008, n. 2) ressalta que deve-se cultivar nos vocacionados dotes e virtudes morais e teologais, sustentados pelo equilíbrio humano e psíquico, particularmente afetivo, de modo a permitir que o indivíduo se predisponha adequadamente a uma doação de si verdadeiramente livre, na relação com os fiéis.

2. A FORMAÇÃO NAS SUAS VÁRIAS DIMENSÕES E A SUA LIGAÇÃO COM O SELF

Desde os primórdios a Igreja sempre se preocupou com a formação dos seus sacerdotes. O empenho em acompanhar os vocacionados no processo de discernimento foi demonstrado através de diversas formas, que fazem parte da história da formação do clero.

Com o Concílio Vaticano II, um novo caminho se delineou, e por este caminho passaram tanto a Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* como também o documento 55 da CNBB, *Sobre a Formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil*.

O caminho percorrido pós-concílio traz quatro marcas fundamentais: a dimensão humana, a dimensão espiritual, a dimensão intelectual e a dimensão pastoral, constituindo assim a base fundamental para toda formação dos candidatos ao sacerdócio.⁵

Cada uma destas dimensões possui a sua devida importância e nenhuma pode ser considerada como independente da outra, muito pelo contrário, todas devem girar em torno de um único eixo, que pode ser denominado na linguagem analítica de *Self*.

O *Self* é como um princípio unificador dentro da psique humana, ocupa a posição central de autoridade com relação à vida psicológica e, portanto, do destino do indivíduo. O *Self* não é somente o centro, escreve Jung, “mas também a circunferência total que abrange tanto o consciente como o inconsciente; é o centro dessa totalidade, como o ego é centro da mente consciente” (JUNG, CW 12, p. 444).

Na vida, o *Self* exige ser reconhecido, integrado, realizado; porém, não há esperança de incorporar mais que um fragmento de uma totalidade tão vasta no limitado âmbito da consciência humana.

Portanto, o relacionamento do ego com o *Self* é um processo incessante. O processo carrega consigo um perigo de inflação, a não ser que o EGO seja tão flexível quanto capaz de estabelecer fronteiras individuais e conscientes (em oposição arquetípicas e inconscientes). A interação permanente entre o ego e o *Self*, envolvendo um processo contínuo de referência *ego-self*, expressa-se na individualidade da vida de cada pessoa.

Por isso, pode-se afirmar que cada uma das dimensões da vida do vocacionado ao sacerdócio, desenvolve-se individualmente nas variadas dimensões que giram em torno de um único eixo integrador, o *Self*.

Acompanhando Jung conceitualmente, o *Self* pode ser definido como uma incitação arquetípica para coordenar, relativizar e intermediar a tensão dos opostos. Por meio do *self*, confronta-se a polaridade do bem e do mal, do humano e do divino, das luzes e das sombras.

Este é grande trabalho no processo formativo, em que os vocacionados são estimulados a confrontar-se com as diversas situações que envolvem a sua vida, nas diversas dimensões (humana, espiritual, intelectual e pastoral) que integram a formação da personalidade de cada indivíduo que busca um discernimento para o sacerdócio.

⁵ Aqui se preferiu usar a terminologia apresentada pela Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, já que o documento 55 da CNBB, *Sobre a Formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil*, traz uma outra terminologia.

Um dos grandes inovadores da Psicologia Analítica, chamado Michael Fordham (1905 – 1995) construiu seu modelo teórico através do modelo de psique de Jung e procurou integrar os conceitos de Melanie Klein, associando duas déias: a fantasia inconsciente de Klein e experiência arquetípica de Jung.

Ele propõe uma visão do *Self* como centro organizador da psique e como algo sendo organizado dentro da personalidade. Se Jung considera o *Self* tanto como a totalidade da psique como o organizador desta, Fordham adota este último conceito como orientador de suas proposições. Considera o *Self* como sendo num primeiro momento psicossomático, “arquetipo originário da infância” ou como também o chama de self primal original. A criança vai ser conhecida pelos objetos do *Self* ou *Self* Objetos, sendo o primeiro deles a mãe (FORDHAM, 2001).

É claro que existe uma diferença conceitual entre os psicólogos analíticos. Alguns tendem a definir o *Self* como o estado original de integração do organismo. Outros o vêem como uma imagem de um princípio unificador supra-ordenador. Os dois grupos fazem uso das freqüentes referências de Jung à personalidade individual como “emergente” dos potenciais arquetípicos *contidos no Self*.

Assim, parece que a proposição sobre o *Self* dos Analistas pode ser um grande contributo no entendimento das dimensões da formação, como pertencentes a um centro unificador, integrador e organizador da psique humana.

Mas como se dá o desenvolvimento destas dimensões no processo formativo?

A dimensão humana, tão necessária para toda pessoa, é muito importante no processo formativo, especialmente nos primeiros anos de discernimento vocacional. Sem uma oportuna formação humana, seria muito difícil integrar as outras dimensões bem como a opção para o celibato, exigência para o ministério presbiteral.

Também não se deve esquecer que

A maturidade humano afetiva, jamais alcançada definitivamente e sempre em processo de amadurecimento, é o fundamento de toda a convivência comunitária, seja na vida do seminário, como, depois, nas comunidades em que o futuro presbítero exercerá a ação pastoral. (CNBB, 2001, p. 67)

Dentro da dimensão humana está a formação comunitária do vocacionado. Nos lembra Maciel (1992, p. 52):

Toda a vida cristã está impregnada de sentido comunitário. [...] o sacerdócio só tem sentido dentro da Igreja enquanto povo de Deus, comunidade de crentes. É

importante que, quem se prepara para recebê-lo e vivê-lo, se impregne profundamente do sentido de ‘comunhão’, que não é uma simples categoria teológica, mas sim uma realidade vital. Mais ainda, como pastor, o sacerdote deverá ser guia e fermento de uma comunidade, de uma comunidade paroquial, por exemplo. Dificilmente poderá transmitir o sentido comunitário a seus paroquianos se ele mesmo não o tenha experimentado antes em primeira pessoa. Essa experiência será também decisiva para os presbíteros que adotam – cada vez com maior frequência – algum modo de vida em comum, conforme foi recomendado pelo Vaticano II.

A segunda dimensão, chamada espiritual, deve ser trinitária, cristocêntrica e eclesial. Estes três aspectos são inseparáveis e representam a base fundamental para que o candidato cresça adequadamente na dimensão espiritual. Trata-se da

[...] área de mais importante da formação e decisiva para o aspirante ao sacerdócio. [...] é aquilo que o caracteriza: formar-se homem de Deus, identificar-se com Cristo sacerdote, unir-se a Ele como à videira donde brota a vida. [...] É a experiência do amor: começa pelo amor a Deus e aos homens e termina neste mesmo amor fortalecido e aperfeiçoado: começar amando para terminar amando mais. (MACIEL, 1992, p. 75-76)

Com esta base, os candidatos ao sacerdócio aprofundarão a sua santidade e perfeição evangélica, através de três atitudes fundamentais: pobreza, castidade e obediência, tendo como base as três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade.

Outros elementos essenciais na dimensão espiritual são: o cultivo da leitura da Palavra de Deus (lectio divina), a prática da Liturgia das Horas, a participação no sacramento da reconciliação, a direção espiritual, a oração pessoal, o amor a Maria, mãe dos sacerdotes e a participação na Eucaristia, que o é “*ápice e cume da vida cristã*”, conforme nos relata a Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium.

Esta dimensão está bem ligada à experiência com o *Numinoso*. Na perspectiva de Jung os símbolos do *self* muitas vezes possuem uma numinosidade, e conduzem um sentimento de necessidade que lhes dá uma prioridade transcendente na vida psíquica.

Em 1937, Jung escreveu sobre o *Numinoso* como:

uma instância ou efeito dinâmicos não causados por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatava e controla o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. O numinoso – indiferentemente quanto a que causa possa ter – é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade. ... O numinoso é tanto uma qualidade pertinente a um objeto visível como a influência de uma presença invisível que causa uma peculiar alteração da consciência. (JUNG, CW 11, parág. 6).

Quanto à dimensão intelectual, é preciso salientar que atualmente as inúmeras exigências do mundo moderno, fazem com que o sacerdote tenha uma boa preparação em diferentes níveis. Daí a importância desta dimensão, tendo em vista que o Espírito Santo também espera que cada um livremente escolha por um caminho de aprofundamento.

É por isso que os candidatos ao sacerdócio devem se empenhar no estudo da teologia, que é iluminada pelo Concílio Vaticano II e pelo Magistério da Igreja. E este aprofundamento teológico se torna mais eficaz com uma boa base filosófica, que leva a compreensão do ser humano, a sua liberdade, as suas relações com o mundo e com Deus.

Finalmente, a dimensão pastoral deve levar o candidato ao longo da sua formação a uma séria experiência no campo pastoral. Esta experiência deve ser gradativa de acordo com as diferentes etapas que o candidato vai percorrendo. Porém, em nenhuma etapa o candidato deve se esquivar deste aspecto, já que o seu ministério só terá sentido no meio de uma comunidade eclesial.

De acordo com a fase que o candidato está passando, ou ao menos no período da teologia, deve-se planejar o seu envolvimento pastoral em uma determinada paróquia, ou movimento. Este planejamento estando de acordo com Plano Pastoral da Diocese deve ser acompanhado e avaliado, para que possa perceber os frutos do trabalho pastoral.

Enfim, estas quatro dimensões, que estão intimamente ligadas, tem em Cristo, O Bom Pastor, o grande modelo de sacerdote que na sua vida terrestre soube viver intensamente estas dimensões.

Torna-se possível constatar a relevância desta temática e sua ligação com o *Self*, como eixo integrador da psique humana, o que na linguagem cristã é entendido como ligação íntima com o próprio Cristo.

CAPÍTULO III

O PROTAGONISMO DA FORMAÇÃO E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Como já foi salientado anteriormente, a Igreja, que envolve todos os fiéis cristãos católicos é responsável pelo acompanhamento do vocacionado no processo de discernimento vocacional.

Porém, cabe ao bispo a primeira responsabilidade na formação dos sacerdotes. Na verdade o chamado ao ministério sacerdotal de cada jovem, por meio do Espírito Santo deve ser reconhecido pelo bispo como autêntico chamado de Deus. Daí vem à importância da presença do bispo nos seminários, como meio eficaz de acompanhar os seminaristas no seu processo de discernimento.

A presença do bispo adquire um valor particular, não só porque ajuda a comunidade Seminário a viver a sua inserção na Igreja particular e a sua comunhão com o Pastor que a guia, mas também porque estimula e dá autenticidade àquele fim pastoral que constitui a especificidade da completa formação dos candidatos ao sacerdócio. Sobretudo com sua presença e partilha com os candidatos ao sacerdócio de tudo o que diz respeito ao caminho pastoral da Igreja particular, o bispo oferece um contributo fundamental para a formação do ‘sentido de Igreja’, como valor espiritual e pastoral central no exercício do ministério sacerdotal. (JOÃO PAULO, 1992, p. 170)

Ligados ao bispo estão os formadores, que escolhidos cuidadosamente para exercer tão importante função, devem colaborar para a comunhão eclesial entre os formandos, aspecto este que deve existir desde o tempo de formação⁶.

A tarefa principal dos formadores incide no fato de ser aquele que acompanha o vocacionado neste processo de crescimento, em vista de uma individuação.

Esse processo deveria ser natural, mas pode ser facilmente perturbado por inúmeros fatores – pela hereditariedade, pelas influências adversas dos pais, pela educação e pelo ambiente. Por conseguinte, uma das principais tarefas da psicoterapia prática consiste em identificar esses elementos obstrutivos e, e assim, dar à personalidade assistência ao longo de seu caminho particular rumo à individuação. (PALMER, 2001, p. 183)

Este papel atribuído ao terapeuta cabe também ao formador que ao longo do processo formativo tem a tarefa de ser presença e ajuda nas possíveis dificuldades apresentadas pelo vocacionado.

⁶ A formação de bons formadores é fundamental para se realize melhor o processo de discernimento vocacional. Por isso o documento 55 da CNBB, Sobre a Formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil, do número 191 a 198, insiste na urgência na formação de presbíteros qualificados para o trabalho de formação de novos presbíteros, não só na área da Filosofia ou Teologia, mas também em outras áreas, especialmente a psicologia.

Também, deve existir um saudável influxo da espiritualidade laical e do carisma da feminilidade em todo e qualquer itinerário educativo. Por isso, torna-se oportuno incluir, de forma prudente e adaptada aos vários contextos culturais, a colaboração de leigos e mulheres, no trabalho formativo dos futuros sacerdotes. (JOÃO PAULO, 1992, p. 172)

A comunidade de origem e a família do vocacionado continuam a exercer grande influência no processo de discernimento vocacional de cada jovem, em muitos casos elas são decisivas para o candidato ao sacerdócio.

Contudo, é preciso ressaltar que apesar de todos estes meios e pessoas exercerem um papel importante no processo de discernimento do vocacionado, são três os protagonistas principais e imprescindíveis na formação sacerdotal.

O primeiro protagonista é o Espírito Santo: “Ele é o guia e artífice da santificação da alma. É Ele quem [...], vai transformando a pessoa na medida em que se deixa modelar”. (MACIEL, 1992, p. 34)

Neste sentido é possível uma reflexão mais apropriada do processo de individuação na vida do vocacionado e sua ligação com as relações transcendentais. De acordo com Edinger (2004, p. 31) a individuação é um processo pelo qual o ego toma consciência do Si-mesmo, o segundo centro da psique, e relaciona o seu modo de vida a esta descoberta.

Edinger, citado por Jaffe (2002, p. 127) afirma

[...] que podemos interpretar psicologicamente a conhecida narrativa bíblica do nascimento de Cristo, como o nascimento do Si-mesmo, isto é, o processo de individuação (a encarnação de Deus). Para ele o nascimento de Cristo entre os animais significa que ‘a vinda do Si-mesmo é processo instintivo, uma parte da natureza viva enraizada na biologia do nosso ser.

Assim, todo vocacionado deve ser levado a experienciar o Si-mesmo, o Cristo,

A experiência religiosa é uma experiência numinosa dos fundamentos arquetípicos e eternos da própria humanidade e, nessa medida, capacita o indivíduo a elevar-se acima de seus problemas pessoais e a relacionar-se em vez disso com a dimensão indestrutível e primordial de seu próprio ser psíquico. Não é, portanto a aceitação da religião que é psicologicamente danosa, mas sua rejeição. (PALMER, 2001, p. 183)

Hollis (2004, p. 98), diz que

[...] o ser humano no íntimo de si, na alma, deseja transcendência, significado, conexão. É isto que somos, mais profundamente. Quando essa necessidade é intimidada pelo medo, desviada por ídolos culturais ou projetada nos outros, algo terrível acontece a nossa alma. Quando aprendemos a enfrentar esse medo, abrimo-

nos ao universo sem defesa e seguimos o que acena, encontramos nosso verdadeiro caminho espiritual.

Um exemplo clássico deste encontro pode ser encontrado no livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 9, que relata a conversão de São Paulo, no caminho de Damasco.

Ele teve um encontro com o Si-mesmo, simbolizado pela imagem de Cristo, e esse encontro transformou a sua vida. A partir daquele momento, ele não era mais um homem egocentrado, mas um homem centrado no si mesmo. Ele chamou o Si-mesmo de Cristo, pois essa foi a imagem por meio da qual se assimilou a experiência. E, depois disso, em suas cartas, ele decreve a si mesmo como o ‘escravo de Cristo’. ... Esse é o efeito de um encontro decisivo com o Si-mesmo. Ele gera um contato com uma autoridade que carrega um tipo divino de qualidade, de maneira que o sujeito sente-se obrigado a servi-la. O resultado é que um ego fica relativizado. Essa é a maior consequência da individuação, o que é muito diferente de individualismo (Edinger, 2004, p. 33)

Na carta de São Paulo aos Gálatas 2, 20 há uma referência explícita da consequência do seu encontro com a Personalidade maior: “Estou crucificado com Cristo: apesar disso, eu vivo, contudo, não eu mas Cristo vive em mim”.

Da mesma forma, mas com outras palavras Jung afirmou em sua auto-biografia, depois do encontro com o inconsciente e com a personificação da Personalidade Maior, que ele chamou de Filemon: “Foi então que deixei de pertencer somente a mim mesmo, deixei de ter o direito para tal. A partir de então, minha vida pertencia a generalidade...foi então que me dediquei ao serviço da psique. (JUNG, 1989, p. 192)

Portanto, o grande protagonista deste processo é o Si-mesmo, que na vida vocacionado também é simbolizado no encontro com Cristo, que deve ser o grande objetivo da formação presbiteral: levar cada vocacionado a este encontro com Cristo.

Recentemente o documento de Aparecida (2007, p. 114) ressaltou a importância deste encontro.

O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo: Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva’. Isto é justamente o que, com apresentações diferentes, todos os evangelhos nos tem conservado como sendo o início do cristianismo: um encontro de fé com a pessoa de Jesus (cf. Jo 1,35-39).

As Novas Diretrizes para a formação presbiteral no Brasil (2008) afirma que este encontro com Jesus Cristo é o início do processo formativo. Como discípulo missionário

ouve-se o chamado: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). O encontro é a possibilidade da formação como um processo renovador e de amadurecimento.

Assim percebe-se que o segundo protagonista é o formando (vocacionado) que deve: “[...] deixar que o Espírito Santo atue sem impedir ou retardar a sua ação. Deixar-se moldar como cera branda para que Ele imprima nele, a seu bel-prazer, a figura de Cristo Sacerdote”. (MACIEL, 1992, p. 36)

O sentido egoico de ser fica relativizado, para que o Si-mesmo ocupe a centralidade. Deste modo, não há desenvolvimento de forma individualista, mas, individual, onde o ego deixa-se conduzir pelo Si-mesmo.

Contudo, “o Si-mesmo, precisa do ego, da consciência e da relação do ego com ele, para que possa ser transformado”. (EDINGER, 2004, p. 41) A individuação é um processo em que cada ser se diferencia num ser particular, torna-se ela mesma, um indivíduo. Um processo de diferenciação que conduz ao desenvolvimento da personalidade e a realização como indivíduo.

Assim, percebe-se a importância que tem o ego, na descoberta deste chamado, mesmo sendo considerado secundário em relação ao Si-mesmo,

o ego é o ponto de partida para tudo. Um dos objetivos do processo de vida, do processo natural de vida, bem como do processo de análise é o desenvolvimento do ego. Não há como passar por um processo de análise de verdade, por um confrontação efetiva com o inconsciente, a não ser que se tenha um ego revigorado, responsável e ético. Antes disso, não há como colocar em prática uma análise profunda, apenas uma psicoterapia de apoio que promova o desenvolvimento do ego. É de vital importância, em termos de uma estrutura social estável, que os membros da sociedade tenham egos bons, fortes e confiáveis. Isso significa que eles precisam ter uma percepção autêntica de sua própria identidade, eles precisam ter adquirido uma estrutura de caráter que lhes possibilite funcionar de maneira responsável em relação às outras pessoas. Tudo é produto de desenvolvimento do ego. Assim, para começar, o desenvolvimento do ego é bom não só para o indivíduo, mas também para sociedade. (EDINGER, 2004, p. 35-36)

Resumindo, “há um processo em andamento, no qual a Imagem de Deus está passando por uma transformação, e que o processo desta transformação requer que haja uma consciência humana dessa natureza divina, para que ele possa ser transformada”. (EDINGER, 2004, p. 44)

Percebe-se, nas entrelinhas que o terapeuta também é importante no desenvolvimento deste ego, pois é por meio da análise que cada indivíduo encontra espaço adequado para o confronto com suas inquietações.

Como já foi afirmado anteriormente no processo formativo a figura do terapeuta pode ser comparada a do formador, que neste caso é o terceiro protagonista ou “[...] instrumento e canal por onde passa a graça de Deus. Naturalmente, quanto melhor seja o instrumento, quanto mais largo e limpo seja o canal, melhor fluíra a ação de Deus”. (MACIEL, 1992, p. 37)

Jung enfatizava que o relacionamento analítico não deveria ser visto em termos de um procedimento médico ou técnico. Referia-se à análise como um “processo dialético”, implicando que ambos os participantes estão igualmente envolvidos e que existe uma interação nos dois sentidos entre eles. Assim, o analista não pode simplesmente usar de qualquer autoridade que possua, pois ele está em tratamento, na mesma medida em que o paciente, e será o seu desenvolvimento como pessoa o que será decisivo, mais que o seu conhecimento.

Por essa razão, Jung foi o primeiro a iniciar uma análise de treinamento compulsória para àqueles que desejavam clinicar. A ênfase de Jung na igualdade é algo idealista e é preferível pensar em termos de reciprocidade analítica, para se reconhecer o envolvimento emocional do analista quando sabe que os papéis das duas pessoas não são idênticos.

Na concepção de Jung, o analista adota uma atitude flexível com relação ao processo do tratamento e à evolução do relacionamento analítico. Repetindo-se, o idealismo precisa ser moderado e o próprio Jung contribui para isso com sua concepção de que existem tipicamente quatro estágios para uma análise (JUNG, CW 16). Mas o que fica realçado é a necessidade de aprender com o paciente e se adaptar à sua realidade psíquica.

Tudo isso também deve ser levado em consideração, ao abordar as relações que ocorrem entre o vocacionado e o formador que acompanha o processo formativo do indivíduo.

Outro aspecto já refletido anteriormente refere-se ao fato de que a o processo de individuação pode ocorrer em qualquer idade. Guggenbühl-Craig (2004, p. 127) ao falar sobre isso afirma que este processo liga-se ao desenvolvimento religioso:

[...] não se pode dizer que apenas os indivíduos com mais de 40 anos estão abertos para as experiências religiosas e revelações religiosas. A primeira vista, pode ser algo de atraente na idéia de que a tarefa do jovem consiste antes em dominar o mundo exterior, estabelecer-se profissionalmente, formar uma família etc.; enquanto a dos mais velhos é voltar-se para a questão do sentido. Essa concepção impõe certa ordem e uma seqüência programática à vida, como um modelo de formação acadêmica. Sente-se aí a influência excessiva sobre o pensamento da imagem da escola e da vida do estudante. A aproximação com o Si-mesmo pode ocorrer em qualquer idade: um jovem de 16 anos poderá ter alcançado bastante no caminho da individuação, enquanto um adulto de 60 talvez tenha abandonado por completo a busca. No decorrer de nossa vida, nos aproximamos várias vezes do centro de nosso

ser e depois nos afastamos de novo. Esse é um processo constante, uma série cíclica de aproximação e recuos. Ninguém – analista inclusive – pode dizer que completou sua individuação e que, portanto, está ‘salvo’.

Deste modo, é possível afirmar que o caminho da individuação pode ser iniciado no tempo formativo, em que muitos jovens, fazendo um discernimento vocacional encontram sentido para vida e caminham em direção a Cristo, como modelo de sacerdote, ou na linguagem analítica ocorre o encontro com o Si- mesmo.

É preciso ainda lembrar que

“[...] Individuação não é um estrutura de per-feição. Não se trata, pois de per-fazer. Portanto, a tendência para o centro não significa redução das partes ao centro mais perfeito, redução essa que tem caráter finalista, exclusivista. Não elimina pois pluralidades, divergências, negatividades e a favor de uma perfeição digamos destilada, unidimensional”. (HARADA, 1971, p. 131)

Também é possível perceber que este processo não tem um fim, pois constantemente neste serie cíclica o indivíduo é levado a individuar-se e isso pode estar relacionado ao que posteriormente será tratado no tempo de formação permanente dos sacerdotes.

Essas considerações levam a afirmar que a formação sacerdotal fundamenta-se na plena e harmoniosa colaboração destes três protagonistas (o Espírito Santo, o formando e formador).

Toda e qualquer formação, naturalmente incluindo a sacerdotal é, no fim das contas, uma autoformação. Ninguém, de fato, nos pode substituir na liberdade responsável que temos como pessoas individuais. Certamente também o futuro sacerdote, e ele, antes de mais ninguém, deve crescer na consciência de que o protagonista por autonomasia da sua formação é o Espírito Santo que, com o dom do coração novo, configura e assimila a Jesus Cristo, Bom Pastor: nesse sentido o candidato afirmará sua liberdade da maneira mais radical, ao escolher a ação formadora do Espírito. Mas escolher esta ação significa também, por parte do candidato ao sacerdócio, acolher as ‘mediações’ humanas de que o Espírito se serve. Por isso mesmo, a ação dos vários educadores só se revela verdadeira e plenamente eficaz se o futuro sacerdote lhe oferece sua pessoal, convicta e cordial colaboração. (JOÃO PAULO, 1992, p. 69)

Neste sentido a auto-formação pode ser uma referência explícita ao processo de individuação que é um dos eixos da psicologia Junguiana. É através dele que a pessoa vai se conhecendo, retirando suas máscaras, retirando as projeções lançadas anteriormente no mundo externo e integrando-as a si mesmo.

Como já foi abordado anteriormente não se trata de um processo fácil e simples, nem tampouco ocorre linearmente. É um processo doloroso, difícil e ocorre em um movimento circunvolutório direcionado a um novo centro psíquico, o Self.

O processo de individuação é o processo no qual uma pessoa se torna ela mesma, íntegra e distinta da coletividade, mas não isolada. É o desenvolvimento da personalidade no seu sentido único, singular. A individuação é um processo de diferenciação cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual [...] o impedimento da individuação [...] será prejudicial para a atividade vital do indivíduo [...] Como o indivíduo não é apenas um ser singular, pressupondo-se também relações coletivas, o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a uma consistência coletiva mais intensa. (JUNG, 1967, p. 525-526)

O processo de individuação ocupa um lugar central na psicologia junguiana como o processo de diferenciação psicológica que tem como finalidade o desenvolvimento da personalidade individual.

A individuação é um processo que se dá a partir do ideal arquetípico da totalidade e depende da relação vital existente entre o ego e o inconsciente, quando se dá o que Jung chama a função transcendente e que tem papel decisivo no processo de individuação.

Seu objetivo não é impor-se acima da psicologia pessoal, chegar à perfeição, mas sim, levar à uma consciência da unidade da realidade psicológica, o que apresenta de um lado as forças e limitações pessoais e por outro uma visão mais ampla da humanidade e do mundo.

O processo de individuação quando acontece de forma consciente leva à realização do *Self* como uma realidade psíquica maior que o ego, mas este processo não se conclui de modo a afirmar que alguém está completamente individuado, o seu valor encontra-se exatamente naquilo que vai acontecendo durante o mesmo processo.

Este processo pode ser encontrado nas Confissões de Agostinho que mostra o modo como foi acontecendo em sua vida este processo de individuação até chegar à consciência mais profunda que podia alcançar de si mesmo. "[...] fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousar em ti." (Confissões I, 1)

Mesmo depois do tempo de formação nos Seminários, não se pode entender e perseverar no ministério presbiteral, na vida de padre, sem uma adequada formação permanente, que é recomendada pelos mais importantes documentos da Igreja.

A formação permanente ajuda-o a vencer a tentação de reduzir o seu ministério a um ativismo que se torna em si mesmo, uma impessoal prestação de coisas mesmo espirituais ou sagradas, a um mero emprego ao serviço da organização eclesial. Só a formação permanente ajuda o padre a guardar com amor vigilante o 'mistério' que trazer em si para o bem da Igreja e da humanidade. (JOÃO PAULO, 1992, p. 193)

A individuação deve ser vista como um processo que tem início, mas não tem fim. Procura-se desenvolver todo potencial que a cada ser humano foi permitido conter ou possuir,

cabe então a cada um desenvolver ao máximo aquilo que lhe foi dado. Por isto, o caminho não cheio de flores, é mais uma via dolorosa em busca do conhecimento e da consciência. Hall (1988, p. 62) fala sobre este aspecto de forma bem clara:

A individuação é a manifestação, na vida, do potencial inato e congênito da pessoa. Nem todas as possibilidades podem ser realizadas, de modo que a individuação jamais se completa. A individuação é mais busca do que alvo, mais direção a seguir do que local de descanso na caminhada. O ego em processo de individuação alcança, repetidas vezes, pontos nos quais deve transcender a imagem que fazia de si mesmo até então. Trata-se de uma experiência dolorosa, pois o ego se identifica continuamente com as imagens que faz de si mesmo, acreditando que a imagem com que se identifica num dado momento seja a pessoa 'real'.

Também Edinger (2004) ressalta que a individuação é uma tarefa para a vida toda, e só pode ser alcançada quando uma quantidade significativa de energia for aplicada a ela. Ela não é um trabalho de meio período porque ela não é o próprio processo de vida; ela incorpora tudo o que acontece na vida.

Da mesma forma a formação do sacerdote, tem um início, um primeiro passo a ser dado, mas nunca terá um fim (formação permanente), já que o ser humano vive num contínuo processo de amadurecimento e aprofundamento das quatro dimensões da formação (humana, espiritual, intelectual e pastoral).

A formação permanente é cada vez mais necessária em meio a um mundo que se abre para a complexa diversidade social, cultural e técnico-científica, ou ainda como meio de crescimento da pessoa. “É estar em dia na realização plena de sua vocação sacerdotal, seguir crescendo na sua amizade com Cristo, no seu amor à Igreja, no seu zelo pastoral, na atitude de doação generosa aos demais. É perseverar no fervor”. (MACIEL, 1992, p. 72)

A comunidade paroquial não deve ser um empecilho para que o sacerdote possa participar de cursos de atualização e formação.

A importância da atualização é tal que, se preciso for, por ela se deverá sacrificar, temporariamente, o serviço da comunidade. Pois, a atualização é um ato que expressa a fidelidade do presbítero, e o seu amor ao povo de Deus, destinatário da Palavra e da Caridade Pastoral. (CNBB, 2001, p. 101)

Deste modo, percebe-se a importância do entendimento de que o processo formativo pode ter algumas ligações com o processo de individuação descrito por Jung, e que todo processo não tem um fim demarcado, mas exige constatações em vista de um crescimento pessoal.

CONCLUSÃO

Depois destas breves considerações a respeito da formação do sacerdote católico e sua ligação com a Psicologia analítica de Jung, surgem muitos questionamentos a respeito da viabilidade desta aproximação.

No decorrer desta exposição pode-se perceber que a Igreja Católica preocupa-se acentuadamente com este processo e por isso vem denotando sempre uma atenção especial sobre o modo como se desenvolve o discernimento vocacional dos candidatos às ordens sagradas.

Esta preocupação tem em vista a história do sacerdócio que vem sendo desenvolvida no decorrer dos séculos, tendo como modelo principal o sacerdócio de Cristo. Este aspecto foi desenvolvido no primeiro capítulo que abordou a natureza do sacerdócio ministerial, o modo como se dá o chamado à vida sacerdotal e a ativação do arquétipo do sacerdócio de Cristo, tendo como modelo o Arquétipo do sacerdócio de Melquisedec.

A formação dos jovens vocacionados depende muito desta ativação arquetípica, pois não se pode esquecer que a vocação a este ministério brota na história do mundo e de cada ser humano. O jovem que busca servir à Igreja através do sacerdócio vem carregado de uma história pessoal, mas também uma história coletiva. Assim, é preciso ajudá-los no discernimento da escolha do caminho para o desenvolvimento do processo de individuação.

O modo como cada um pode ser ajudado foi tratado no segundo capítulo em que se ressaltou a importância de um bom discernimento vocacional, como um caminho para que cada vocacionado encontre o verdadeiro sentido da sua missão.

Por isso, a Igreja Católica oportuniza um longo tempo de formação nos seminários, em que por meio de acompanhamentos adequados e propósitos claros, cada vocacionado faz o discernimento da opção de vida que deseja abraçar.

Neste tempo, ocorre a formação integral nas quatro dimensões da formação (humano/afetiva, comunitária, espiritual, intelectual e pastoral/missionária), que está relacionada ao *Self*.

É preciso relembrar que cada uma destas dimensões possui a sua devida importância e nenhuma se desenvolve independente da outra, mas, todas devem girar em torno de um único eixo, que pode ser denominado na linguagem analítica de *Self*.

Também se ressaltou que as quatro dimensões estão intimamente ligadas, a Cristo, o Bom Pastor, o grande modelo de sacerdote, que na linguagem analítica é chamado de *Self*, e pode ser denominado o grande eixo integrador da psique humana.

Percebe-se também em todo processo formativo, a estreita ligação que pode haver com os aspectos relacionados ao processo de individuação.

Como foi exposto no terceiro capítulo, o grande protagonista deste processo é o Si-mesmo, que na vida do sacerdote é simbolizado no encontro com Cristo (Si-mesmo), que é o grande objetivo da formação.

Também deve ser levado em conta que é necessária a formação adequada do ego, na descoberta deste chamado, mesmo que ele seja considerado secundário em relação ao Si-mesmo, torna-se imprescindível para que o processo formativo ocorra.

Isso leva a afirmar que é possível que o caminho da individuação seja iniciado no tempo formativo, onde muitos jovens buscam um sentido para vida e caminham em direção a Cristo, como modelo de sacerdote, ou na linguagem analítica ocorre o encontro com o Si-mesmo.

Mas também deve ser levado em consideração, o terceiro protagonista deste processo, na linguagem terapêutica é o papel exercido pelo analista, no processo formativo tal função pode ser exercida pelo formador que acompanha o processo formativo de cada vocacionado.

Enfim, é importante ressaltar que todo processo de formação para o sacerdócio católico, assim como o processo de individuação, não tem um fim, pois constantemente cada presbítero é chamado a individuar-se, num contínuo processo de amadurecimento psíquico, espiritual, intelectual e pastoral, e isso exige que cada um faça revisões constantes em vista de um crescimento pessoal.

Espero que esta contribuição possa ter ajudado a refletir sobre a importância da formação presbiteral para a Igreja e o modo como esta encontra relações com alguns fundamentos da psicologia desenvolvida por Jung.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 367 p.

BÍBLIA Sagrada. 71. ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.

CNBB. **Documento 55**: a Formação dos Presbíteros da Igreja do Brasil - Diretrizes Básicas. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. 123 p.

COMISSÃO Nacional do Clero. **Presbítero, Pessoa e Missão**. CNBB: Setor Vocações e Ministérios. 2001. 31 p.

COMPÊNDIO do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1965.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Aparecida: SP. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2008. 309 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a Formação dos Presbíteros na Igreja no Brasil** - texto provisório – em estudo. Brasília: 2009.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978 : Paulo VI). **Sobre o celibato sacerdotal**: carta encíclica aos bispos, aos irmãos no sacerdócio e aos fiéis de todo o mundo católico. São Paulo: Paulinas, 1967. 58 p. (A voz do Papa; 52)

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005 - ? : Bento XVI): **CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientações para a utilização das Competências Psicológicas na Admissão e na Formação dos Candidatos ao Sacerdócio**. 2008. (Documentos Pontifícios).

COQUET, Michel. **Luzes da Grande Fraternidade Branca (os mestres da sabedoria/ Lumières de la Grande Loge Blanche**. 2ª ed. Tradução de Sarah W. Oksman e Luiz Roberto S. S. Malta. São Paulo: Madras Editora Ltda., 1998, 222 p.

EDINGER, Edward F. **Ego e arquétipo**. São Paulo: Cultrix. 1992. 244 p.

_____. **Ciência da alma**: uma perspectiva junguiana. São Paulo: Paulus, 2004. 150 p.

FORDHAM, Michael. **A Criança como Indivíduo**. São Paulo: Cultrix, 2001. 199 p.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. **O Abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério**. Tradução de Roberto Gambini. São Paulo: Paulus, 2004.

HALL, James A. **A Experiência Junguiana**. São Paulo, Cultrix, 1988. 229p.

HARADA, Hermógenes. **Cristologia e Psicologia de C.G. Jung**. REB vol. 31, fasc. 121, março 1977. Petrópolis, 25 p.

HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

HOLLIS, James. **Nesta jornada que chamamos vida: vivendo as questões**. São Paulo: Paulus, 2004. 187 p.

JAFFE, Lawrence W. **A alma celebra**. São Paulo: Paulus, 2002. 141 p.

JUNG, Carl Gustav. **Obras Completas (CW) - VOL VII - Estudos sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis. Vozes. 1912.

_____. **Obras Completas (CW) - VOL IX/2. Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Petrópolis: Vozes, 1948.

_____. **Tipos Psicológicos**. São Paulo: Zahar. 1967.

_____. **Obras Completas (CW) VOL XI - Psicologia da Religião Ocidental e Oriental** Petrópolis: Vozes. 1988. 698 p.

_____. **Resposta a Jó**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. (Obras Completas de C. G. Jung v. 11/4).

_____. **Obras Completas: Psicologia e Alquimia**. Vol. XII. Petrópolis: Vozes, 1991. 566 p.

_____. **A prática da psicoterapia:** contribuição ao problema da psicoterapia e a psicologia da transferência. Petrópolis: Vozes, 1981. v. 1 (128 p.) (Obras completas de C. G. Jung ; v.16/1)

_____. **Memories, dreams, reflections.** New York: Vintage Books. 1989.

MACIEL, Marcial. **A Formação Integral do Sacerdote Católico.** São Paulo: Loyola, 1992. 235p.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Qual o sentido da vocação e da missão?** São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção questões fundamentais da fé).

PALMER, Michael. **Freud e Jung – sobre a religião.** Tradução. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Ed. Loyola , 2001. p. 181-209.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005) João Paulo II. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis: Sobre a Formação dos Sacerdotes.** 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. 220 p. (Documentos pontifícios)

SANTANA. José Acácio. **Música: Tu és a razão da jornada.** Disponível em: <<http://www.cifraclub.com.br/jose-acacio-santana/tu-es-razao-da-jornada>>. Acesso em 23 de ago de 2010.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia.** São Paulo: Paulus, 1999. 351 p.

WEISZFLOG, Walter et al. (Ed.). **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 1975.